EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS

Brizza Yasmin Alexandrino Firmino[1]; Fabiana Sousa Ferreira[1];
Rosângela Ribeiro Diniz[1]; Vinícius Nieton Braz[1]; Marcia Regina Silva do Vale[2];
Raphaela dos Santos Gonçalves[2]; Camilla Santos Lima[2]; Gerson Cordeiro[3]

[1] Alunos de Licenciatura em História e bolsista PIBID-Unisanta;
[2] Equipe de Coordenação do PIBID-Unisanta;
[3] Docente de Licenciatura em História da Unisanta.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a implementação de práticas pedagógicas antirracistas em uma escola no contexto brasileiro, focando na experiência em uma escola de Santos - SP com alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo central foi investigar a percepção e experiência dos alunos em relação ao racismo no ambiente escolar e promover a conscientização e a educação antirracista. Utilizou-se uma metodologia que incluiu a aplicação de questionários para entender as identificações étnico-raciais dos alunos e suas experiências com racismo, além da implementação de atividades educativas como visitas ao Museu do Café, aulas sobre mulheres no cinema e racismo no cinema. Os resultados indicam que uma parcela significativa dos alunos não tinha presenciado ou sido alvo de racismo na escola, enquanto quase metade deles já havia presenciado ou sido vítima de atos racistas. Estes dados destacam a importância de práticas pedagógicas que não somente abordem a diversidade e inclusão de maneira teórica, mas que também preparem os alunos para agir contra o racismo na prática. Conclui-se que a educação antirracista é essencial na formação de cidadãos conscientes, promovendo um ambiente escolar inclusivo e justiça social. Este estudo reforça a necessidade de um compromisso contínuo com a educação antirracista nas escolas, envolvendo toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Educação antirracista; Práticas pedagógicas; Racismo no ambiente escolar; Identidade étnico-racial; Conscientização.

ABSTRACT

This work presents a study on the implementation of anti-racist pedagogical practices in a school in the Brazilian context, focusing on the experience in a school in Santos - SP with students in the 8th and 9th year of Elementary School. The central objective was to investigate students' perception and experience regarding racism in the school environment and promote anti-racist awareness and education. A methodology was used that included the application of questionnaires to understand the students' ethnic-racial identifications and their experiences with racism, in addition to the implementation of educational activities such as visits to the Café Museum, classes on women in cinema and racism in cinema. The results indicate that a significant portion of students had not witnessed or been the target of racism at school, while almost half of them had already witnessed or been victims of racist acts. These data highlight the importance of pedagogical practices that not only address diversity and inclusion theoretically, but also prepare students to act against racism in practice. It is concluded that anti-racist education is essential in the formation of conscious citizens, promoting an inclusive school environment and social justice. This study reinforces the need for a continued commitment to anti-racist education in schools, involving the entire school community.

Keywords: Anti-racist education; Pedagogical practices; Racism in the school environment; Ethnic-racial identity; Awareness.

INTRODUÇÃO

A educação tem sido reconhecida como uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo e na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa. Diante dos desafios impostos pelas estruturas sociais que perpetuam desigualdades, o ambiente escolar emerge como um espaço privilegiado para a implementação de práticas educativas antirracistas. Segundo Delpit (1995) e Vavrus (2008), a escola possui o potencial de ser um local de transformação social, onde as novas gerações podem ser ensinadas a reconhecer, questionar e combater as diversas formas de racismo. Neste contexto, a educação antirracismo visa não apenas a inclusão de conteúdos que retratem as contribuições e histórias de populações negras e minoritárias de maneira respeitosa e acurada, mas também a adoção de metodologias que promovam o respeito à diversidade e a igualdade racial.

Freire (1970), um dos mais influentes teóricos da educação, argumenta que a educação deve ser libertadora e problematizadora, capaz de capacitar os indivíduos a transformar sua realidade. Inspirado por esses princípios, o projeto de educação antirracismo na escola que propomos busca incorporar essas dimensões críticas e reflexivas na prática pedagógica. A partir da perspectiva de autores como Hooks (1994), que enfatiza a necessidade de uma educação comprometida com a equidade e a justiça social, nosso projeto almeja desenvolver nos estudantes a capacidade de identificar e agir contra o racismo em suas diversas manifestações.

Racismo é um sistema complexo de crenças e práticas que estabelece, perpetua e promove a superioridade de um grupo racial sobre outros. Ele se manifesta de maneiras variadas, desde discriminação e preconceito abertos até formas estruturais e institucionalizadas que discriminam indivíduos e grupos baseados em características raciais ou étnicas percebidas. O racismo não é apenas um conjunto de atitudes individuais negativas; ele é incrustado nas estruturas sociais, políticas e econômicas de uma sociedade, afetando de maneira desproporcional o acesso a recursos, oportunidades e direitos entre grupos raciais.

Essa compreensão do racismo é apoiada por diversos estudiosos e ativistas no campo dos estudos étnico-raciais. Segundo Eduardo Bonilla-Silva, em seu livro "Racism without Racists" (2003), o racismo transcende o preconceito individual, configurando-se como uma característica estrutural da sociedade que molda as relações sociais de maneira profunda. Bonilla-Silva destaca o conceito de racismo color-blind, ou "racismo à cega", onde práticas discriminatórias são perpetuadas sob a premissa de igualdade formal, ignorando as desigualdades raciais existentes e perpetuando-as.

Ibram X. Kendi, em "How to Be an Antiracist" (2019), argumenta que não basta não ser racista, é necessário ser antirracista. Isso implica uma ação contínua contra as políticas, práticas e discursos que perpetuam a desigualdade racial. Kendi expande a definição de racismo para incluir qualquer política que resulte em desigualdade racial, independentemente da intenção.

A perspectiva de Angela Davis, uma ativista e estudiosa que tem contribuído significativamente para a discussão do racismo, feminismo e justiça social, reitera que o racismo é sistêmico e está enraizado nas fundações econômicas e políticas de uma sociedade. Em "Women, Race, & Class" (1981), Davis explora as interseccionalidades do racismo, sexismo e classismo, demonstrando como essas formas de opressão são entrelaçadas e como combatê-las requer uma abordagem multidimensional.

No Brasil, a questão racial ocupa um lugar central no debate sobre desigualdades sociais, reflexo de uma história marcada pela escravidão e suas longas sombras que persistem até hoje. Apesar de não ser frequentemente classificado entre os países mais racistas do mundo, o Brasil enfrenta sérios desafios relacionados ao racismo, um problema estrutural que afeta profundamente a vida de muitos indivíduos. Conforme destacado por Djamila Ribeiro (2019), discutir o racismo no Brasil exige uma análise estrutural, iniciando pela intrincada relação entre a escravidão e o racismo, e desvendando suas consequências duradouras na sociedade.

Este contexto se reflete também no ambiente escolar, onde episódios de racismo podem ser observados entre os alunos. A presença dessas práticas, que se perpetuam através das gerações, levanta questões cruciais sobre o papel de cada indivíduo na luta antirracista. Ribeiro (2019) salienta a importância do autoquestionamento como um passo inicial para evitar a perpetuação dessas violências, que privilegiam uns em detrimento de outros.

A observação dessas dinâmicas aponta para uma lacuna significativa na formação de educadores: a falta de preparo para tratar questões raciais em sala de aula. Muitos professores se encontram despreparados para enfrentar e lidar com preconceitos raciais, dada a ausência de uma educação antirracista em sua própria formação. O papel do educador, portanto, transcende a mera transmissão de conhecimento; ele ou ela deve atuar como um orientador que incute nos alunos o respeito pelas diversidades e a importância de combater o racismo, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Isso evidencia a necessidade urgente de implementar uma educação antirracista que envolva tanto educadores quanto alunos, estendendo seus princípios para toda a comunidade escolar.

Essa transformação requer uma abordagem multidisciplinar e a inclusão de conteúdos que abordem a história e as culturas afro-brasileiras e indígenas, conforme estabelecido pela Lei 10.639/03 e pela Lei 11.645/08. Além disso, é fundamental promover espaços de diálogo e

reflexão que permitam a toda comunidade educativa, incluindo as famílias, engajar-se ativamente na construção de um ambiente escolar livre de preconceitos e discriminações.

O estudo, portanto, visou elucidar e compartilhar as experiências decorrentes da implementação do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em 2023, enfocando um dos subprojetos do curso de Licenciatura em História da Universidade Santa Cecília (UNISANTA), situada em Santos. Central à nossa discussão é o tema da educação antirracista nas escolas, onde o projeto propõe não apenas trazer à tona a prática persistente do racismo no ambiente escolar, mas também enfatizar a importância do engajamento de toda a comunidade educacional na sua erradicação.

Para embasar o desenvolvimento deste estudo, conduzimos uma extensa revisão bibliográfica, tanto em fontes impressas quanto digitais. Nessa pesquisa, evidenciou-se a crucialidade de abordar o racismo no contexto educacional. Como destacado por Pinheiro (2023, p. 10), para os educadores que criticam a falta de discussões ancoradas na realidade concreta das escolas ao abordarem os desafios da educação básica, surge uma obra imprescindível. Esta não apenas reconhece o ambiente escolar como cenário primordial para a prática educativa, mas também o insere em um diálogo profundo com as teorias das ciências sociais, humanas e naturais, além dos estudos em relações étnico-raciais, decolonialidade e filosofia africana.

A relevância deste projeto se fundamenta na compreensão de que o racismo é uma construção social que se perpetua por meio de práticas cotidianas, muitas vezes normalizadas e invisibilizadas (Kendi, 2019). Assim, a educação antirracista se apresenta como uma resposta necessária e urgente, destinada a promover uma consciência crítica e a equipar alunos e alunas com as ferramentas necessárias para construir uma sociedade mais justa.

OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo geral investigar e compreender as dinâmicas raciais no contexto escolar, enfocando em como os estudantes percebem e interagem com suas próprias identidades raciais e com o racismo dentro do ambiente educacional. Especificamente, busca-se:

1. Analisar o reconhecimento e a valorização das identidades étnico-raciais dos alunos no ambiente escolar, avaliando como essa auto-percepção influencia sua interação social e acadêmica.

2. Examinar as experiências e percepções dos estudantes em relação ao racismo no ambiente escolar, identificando as formas como este se manifesta e é confrontado tanto por alunos quanto por educadores.
3. Propor estratégias para a implementação efetiva da educação antirracista nas práticas pedagógicas e curriculares das escolas, visando transformar o ambiente educacional em um espaço de inclusão, respeito às diversidades e promoção da equidade racial.
4. Expandir o alcance da educação antirracista para além dos limites da escola, envolvendo as famílias dos estudantes no processo educativo, com o intuito de promover um diálogo construtivo sobre igualdade racial, equidade e empatia que possa influenciar positivamente a comunidade escolar e a sociedade como um todo.

Por meio desses objetivos, aspirou-se não apenas a uma compreensão aprofundada sobre o impacto do racismo na experiência escolar dos alunos, mas também ao desenvolvimento de práticas educativas que capacitem estudantes, professores e a comunidade escolar a atuarem como agentes de mudança na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho iniciou-se com a observação do comportamento dos alunos, notando-se manifestações de racismo durante as aulas, nas interações com colegas, professores, e na reprodução de discursos racistas ouvidos em seus contextos familiares. A inspiração para abordar a educação antirracista veio após uma aula conduzida pela professora titular da sala, na qual ela mencionou o trabalho e os escritos de Bárbara Carine, uma renomada professora e escritora negra que tem contribuído significativamente para a luta contra o racismo. Este momento foi crucial para definir o foco do trabalho.

A sugestão da professora de explorar o livro “Como ser um educador antirracista”, de Bárbara Carine, serviu como ponto de partida para uma imersão em leituras complementares sobre racismo, educação antirracista e metodologias de ensino relacionadas ao tema. Obras como “Pequeno Manual Antirracista”, de Djamila Ribeiro, e “Vivenciando a História: Metodologia de Ensino da História”, de Marta de Souza Lima, também foram fundamentais para embasar o desenvolvimento do projeto. A partir dessas leituras, informações chave foram catalogadas para guiar as atividades propostas aos estudantes.

O trabalho direto com os alunos, do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, envolveu a aplicação de questionários para entender melhor a percepção deles sobre suas próprias etnias e experiências com racismo na escola. A análise dos questionários, juntamente com uma pesquisa socioeconômica, possibilitou traçar um perfil detalhado dos participantes.

Para promover um diálogo aberto e construtivo, foram organizadas rodas de conversa, permitindo que os alunos compartilhassem suas experiências pessoais e dúvidas sobre racismo e discriminação. Além disso, foram realizadas atividades como palestras, exibição de filmes relacionados ao tema e visitas educativas a museus, com o objetivo de proporcionar um aprendizado vivencial sobre a contribuição histórica dos negros na sociedade.

Como atividade de encerramento, incentivou-se os alunos a expressarem suas reflexões e sentimentos sobre o tema por meio de manifestações artísticas, como desenhos, poesias ou peças teatrais. Essa abordagem permitiu não apenas a discussão teórica sobre racismo e educação antirracista, mas também a expressão emocional e criativa dos estudantes, reforçando o impacto pessoal e coletivo do aprendizado adquirido durante o projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos, envolvendo aproximadamente 30 alunos, revelaram percepções significativas sobre a consciência dos estudantes em relação à importância de combater o racismo no ambiente escolar. Foi observado que muitos jovens ainda encontravam dificuldades em reconhecer e se identificar com suas próprias etnias, evidenciando uma lacuna na disponibilidade de informações que os auxiliassem neste processo de autoconhecimento. O contexto de racismo estrutural em que estão inseridos, assim como o ambiente em que vivem, contribuem para que experiências de racismo se tornem recorrentes em suas rotinas, a ponto de tais situações serem normalizadas e, muitas vezes, não identificadas como tal.

Os dados apontam que a maioria dos alunos se identifica como brancos (48,6%), seguidos por pardos (21,6%), negros (18,9%), enquanto uma minoria se identifica simplesmente como brasileiros (5,44%) ou não sabe responder à pergunta sobre sua etnia (5,44%). Essa distribuição reflete a complexa tessitura étnico-racial brasileira, mas também suscita reflexões críticas sobre como as categorias raciais são compreendidas e vivenciadas pelos jovens.

O fato de uma parcela significativa dos alunos se identificar como brancos pode indicar uma predominância de narrativas identitárias que valorizam características eurocêntricas, possivelmente em detrimento de outras identidades. Essa situação reforça a necessidade de

promover uma educação que valorize todas as etnias e culturas, combatendo o racismo e os preconceitos ainda presentes na sociedade.

A identificação de 18,9% dos alunos como negros e 21,6% como pardos sugere uma presença considerável de estudantes que, historicamente, são alvos de discriminação racial no Brasil. Esses números reforçam a urgência de implementar práticas educacionais antirracistas que não apenas abordem a história e a cultura afro-brasileira e indígena de forma afirmativa, mas também promovam o respeito e a valorização da diversidade racial entre os estudantes.

Curiosamente, apenas 5,44% dos alunos se identificam como brasileiros, o que pode indicar uma desconexão entre a identidade nacional e as categorias étnico-raciais. Isso pode refletir uma visão fragmentada da sociedade brasileira, na qual as identidades étnico-raciais são vistas em oposição à identidade nacional, em vez de integradas a ela. Essa percepção ressalta a importância de uma abordagem educacional que fortaleça a noção de uma identidade brasileira inclusiva e plural.

Além disso, o fato de 5,44% dos alunos não saberem identificar sua etnia aponta para uma lacuna no entendimento e na valorização de suas próprias origens e histórias. Esse dado destaca a necessidade de criar espaços educativos que encorajem os alunos a explorar e reconhecer suas raízes étnicas e culturais, contribuindo para a construção de uma autoestima positiva e uma identidade bem resolvida.

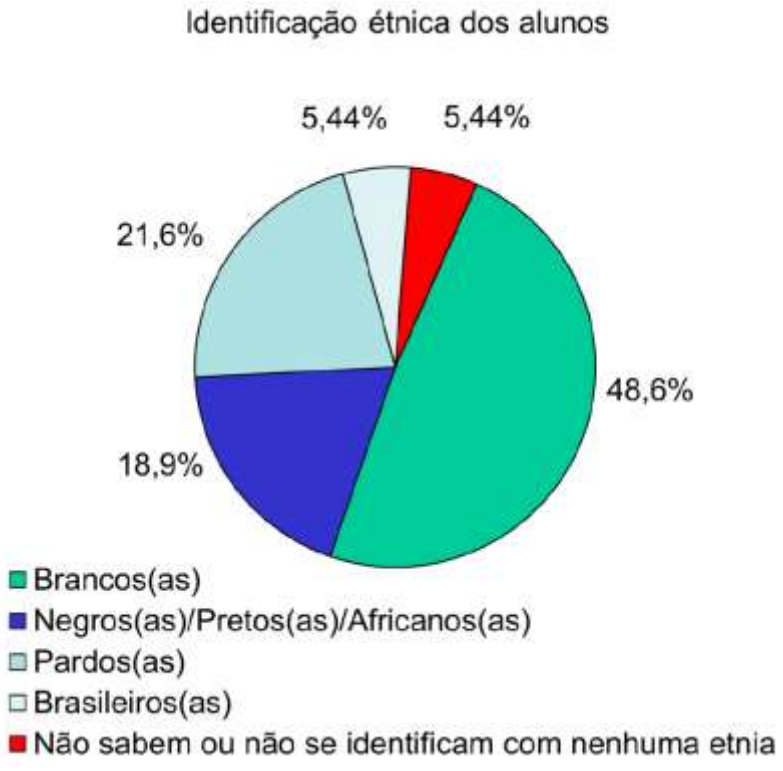

Figura 1: Identificação étnica dos alunos

A discussão desses resultados sublinha a importância de práticas pedagógicas que reconheçam e celebrem a diversidade étnica e cultural, como essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, evidencia a necessidade de uma formação docente continuada em educação antirracista, capacitando os professores a abordarem essas questões de forma sensível e eficaz, promovendo um ambiente escolar inclusivo e respeitoso.

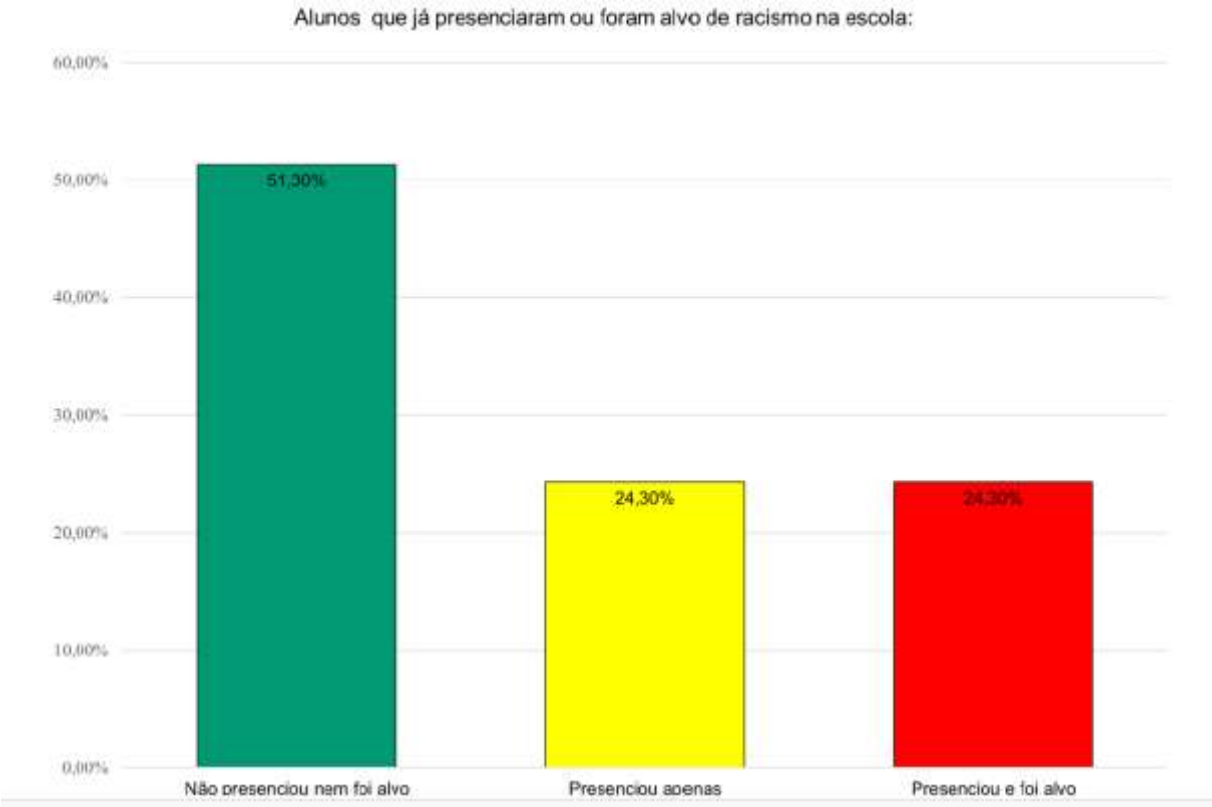

Figura 2: Situações de racismo na escola:

Os resultados apresentados revelam um panorama significativo sobre a presença e a percepção do racismo no ambiente escolar entre os alunos pesquisados. Observa-se que pouco mais da metade dos estudantes (51,30%) afirmam nunca ter presenciado nem sido alvo de racismo na escola. Por outro lado, quase um quarto dos alunos (24,30%) relatou ter apenas presenciado situações de racismo, enquanto uma parcela igual (24,30%) afirmou ter presenciado e sido alvo dessas situações.

A constatação de que 51,30% dos alunos nunca presenciaram nem foram alvos de racismo na escola pode ser interpretada de diversas formas. Por um lado, pode indicar que a escola conseguiu criar um ambiente relativamente seguro e inclusivo para esses alunos. Por outro, pode também refletir uma falta de reconhecimento ou de conscientização sobre o que constitui

racismo, sugerindo que práticas e comportamentos racistas podem estar sendo normalizados ou não identificados como tais pelos estudantes.

A parcela significativa de alunos que presenciaram racismo (24,30%), seja como espectadores ou vítimas, aponta para a persistência de práticas discriminatórias no ambiente escolar. Isso ressalta a importância de não apenas reconhecer a existência do racismo, mas também de implementar medidas efetivas para combatê-lo. A experiência de presenciar racismo, mesmo sem ser diretamente vitimizado, pode ter impactos negativos sobre a percepção de segurança e pertencimento dos estudantes no ambiente escolar, além de influenciar suas atitudes e comportamentos em relação à diversidade e inclusão.

O fato de 24,30% dos alunos relatarem ter sido alvos de racismo é alarmante e exige uma resposta imediata das instituições educacionais. Essa experiência pode acarretar consequências psicológicas graves, afetando a autoestima, o desempenho acadêmico e o bem-estar geral dos estudantes. Ademais, ser alvo de racismo pode influenciar negativamente a forma como os estudantes interagem com seus colegas e professores, além de prejudicar sua capacidade de participar plenamente do processo educativo.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que, quando os alunos conseguiam reconhecer episódios de racismo, frequentemente se viam sem recursos sobre como reagir ou combater tais atitudes. Essa lacuna de ação sugere a necessidade de uma educação antirracista mais robusta, que não somente informe, mas também empodere os alunos a lidar com tais situações. O aprendizado sobre como identificar e reagir ao racismo, quando incorporado no ambiente escolar, tem o potencial de ser levado pelos alunos para além da escola, influenciando suas interações sociais e cotidianas.

Estes resultados enfatizam a necessidade urgente de políticas e práticas educacionais antirracistas que vão além da mera inclusão de conteúdos sobre diversidade étnico-racial no currículo. É crucial desenvolver estratégias que promovam uma cultura escolar de respeito mútuo, reconhecimento e valorização das diferenças, além de fornecer aos estudantes e educadores as ferramentas necessárias para identificar, confrontar e prevenir o racismo. Isso inclui a realização de atividades formativas que fomentem o diálogo, a reflexão crítica e a empatia, bem como a implementação de políticas claras de tolerância zero ao racismo e à discriminação.

Para enriquecer o entendimento dos alunos sobre a diversidade cultural e a luta contra o racismo, foram organizadas atividades educativas complementares que incluíram visitas a locais de significado histórico-cultural e aulas temáticas focadas na representação das minorias na mídia. Essas experiências visaram contribuir para a formação de uma consciência crítica

sobre questões raciais e de gênero, além de estimular a reflexão sobre a importância da representatividade e da equidade nas diversas esferas da sociedade.

Uma das atividades realizadas foi a visita ao Museu do Café, localizado na cidade de Santos, que proporcionou aos alunos uma perspectiva aprofundada sobre a história do café no Brasil, enfatizando seu papel na economia nacional e, especialmente, sua ligação intrínseca com a história da escravidão no país. Através desta visita, os estudantes puderam compreender como o trabalho forçado dos escravizados foi fundamental para o desenvolvimento do setor cafeeiro e, consequentemente, para o crescimento econômico brasileiro. Esta atividade buscou despertar nos alunos uma reflexão sobre as raízes históricas do racismo e suas repercussões até os dias atuais.



Figura 3: Visita ao Museu do Café com os oitavos e nonos anos.

Adicionalmente, foi organizada uma aula especial sobre a representação das mulheres no cinema, com o objetivo de discutir a importância da representatividade feminina na mídia e como as narrativas cinematográficas podem tanto perpetuar quanto desafiar estereótipos de gênero. Essa sessão procurou sensibilizar os alunos para as questões de gênero e para a necessidade de uma maior equidade nas representações midiáticas.



Figura 4: Aula sobre mulheres no cinema com os nonos anos.

Aprofundando ainda mais a discussão sobre representatividade, realizou-se uma aula sobre racismo no cinema. Esta atividade focou na análise de como diferentes produções cinematográficas retratam personagens negros e as implicações dessas representações para a perpetuação de estereótipos raciais. Através da exibição e análise crítica de trechos de filmes selecionados, os alunos foram incentivados a refletir sobre o impacto do racismo nas artes e na cultura popular, bem como sobre a importância de promover narrativas que respeitem a diversidade e contribuam para o combate ao racismo.



Figura 5: Aula sobre racismo no cinema com os nonos anos.

Essas atividades, ao integrarem a reflexão sobre a história, o gênero e a representação racial nas artes, visaram contribuir de maneira significativa para a educação antirracista dos alunos, promovendo um entendimento mais amplo sobre as complexidades das questões raciais e de gênero e a importância da luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

A pesquisa evidenciou que a dificuldade de identificar situações de racismo não é apenas uma questão de falta de informação, mas também de um ambiente que, muitas vezes, não incentiva ou mesmo silencia o diálogo sobre essas questões. Portanto, os resultados apontam para a necessidade urgente de uma educação que vá além do reconhecimento da diversidade e se aprofunde na construção de estratégias efetivas para o enfrentamento do racismo, capacitando os jovens a agirem de maneira consciente e transformadora em suas comunidades.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi realizada uma análise sobre a percepção e experiência dos alunos em relação ao racismo no ambiente escolar, bem como sobre as identificações étnico-raciais entre os estudantes. A metodologia aplicada, incluindo questionários e atividades educativas focadas na educação antirracista, proporcionou insights valiosos sobre as dinâmicas raciais dentro do contexto escolar e destacou a importância de adotar abordagens pedagógicas que promovam uma compreensão mais profunda e crítica sobre a questão racial.

As atividades extracurriculares, como a visita ao Museu do Café e as aulas sobre mulheres e racismo no cinema, desempenharam um papel fundamental na educação antirracista, ao proporcionar aos alunos uma oportunidade de explorar a história e a cultura afro-brasileira, bem como de refletir sobre a representação de raça e gênero na mídia. Estas experiências, ricas em conteúdo e significado, contribuíram para ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a diversidade cultural e histórica do Brasil e sobre a importância de combater o racismo e a discriminação em todas as suas formas.

Os resultados obtidos indicam que, apesar de uma parcela significativa de alunos não ter presenciado ou sido alvo de racismo na escola, ainda existe uma necessidade urgente de endereçar e combater as manifestações de racismo e preconceito que persistem. A presença de alunos que testemunharam ou vivenciaram racismo reforça a importância de continuar promovendo uma educação que não apenas aborde a diversidade e a inclusão de forma teórica, mas que também capacite os estudantes a agirem contra o racismo na prática.

Concluímos que a educação antirracista é um componente essencial para a formação de cidadãos conscientes, críticos e atuantes na sociedade. A inclusão de atividades educativas que

abordam a história, a cultura e as questões sociais relacionadas à raça e ao racismo é fundamental para construir ambientes escolares mais inclusivos e justos. Além disso, a participação ativa de professores, alunos, familiares e da comunidade é crucial para o sucesso dessas iniciativas. A educação, em sua essência, deve ser um instrumento de transformação social, capaz de desafiar e mudar estruturas de desigualdade e injustiça.

Por fim, este trabalho reitera a necessidade de comprometimento contínuo com práticas educacionais antirracistas. Através da educação, podemos cultivar uma sociedade que valorize a diversidade, promova a igualdade e respeite a dignidade de todos os indivíduos, independentemente de sua raça, etnia ou origem. O caminho para uma sociedade verdadeiramente antirracista requer um esforço constante e coletivo, no qual a educação desempenha um papel central na construção de um futuro mais justo e igualitário para todos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio. (2018). Racismo Estrutural. Jandaíra.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. (2012). Vivenciando a História: Metodologia de Ensino da História. Curitiba: Base Editorial.

CARNEIRO, Sueli. (2005). Mulheres em Movimento. Estudos Avançados, 17(49), USP.

CUNHA JUNIOR, Henrique; SANTOS, Sales Augusto dos. (2015). Multiculturalismo e Racismo: O Papel da Ação Afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos. Parábola Editorial.

DAVIS, Angela. (1981). Women, Race, & Class. Random House.

DELPIT, L. (1995). Other People's Children: Cultural Conflict in the Classroom. New Press.

FREIRE, P. (1970). Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra.

GOMES, Nilma Lino. (2002). Educação e Diversidade Cultural: Estudos e Pesquisas. Autêntica Editora.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. (2005). Educação Antirracista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003. SECAD/MEC.

HOOKS, b. (1994). Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom. Routledge.

KENDI, I.X. (2019). How to Be an Antiracist. One World.

MUNANGA, Kabengele. (2003). Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Autêntica Editora.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. (2023). Como ser um educador antirracista. 2a edição. São Paulo: Planeta do Brasil.

RIBEIRO, Djamila. (2019). Pequeno Manual Antirracista. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. (2007). A Invenção do Ser Negro: Um Percurso das Ideias que Naturalizaram a Inferioridade dos Negros. EDUC.

SANTOS, Milton. (2000). Por uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal. Record.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. (2002). Educação e Ações Afirmativas: Entre a Injustiça Simbólica e a Injustiça Econômica. EDUFBA.

SOUZA, Jessé. (2009). A Construção Social da Subcidadania: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica. UFMG.

VAVRUS, Michael. (2008). "Culturally Responsive Teaching." 21st Century Education: A Reference Handbook, v. 2, n. 49-57.